

ANTONIO CANDIDO FERREIRA



1.134.3-1Ferreira,
R

UA DA ROCHA...
E R S O S

ANTONIO CANDIDO FERREIRA

ÁGUA DA ROCHA ...

VERSOS



(EDIÇÃO DO AUTOR)

—

LISBOA

1935



*Barcelosa
Ferreira*

IMPRENSA VASQUES
Travessa Larga, 15
(A Santa Marta) — LISBOA
— Compôs e imprimiu —

DO AUTOR:

(Versos e música)

<i>Filrt...</i> — One-step	2. ^a edição
<i>Apaixonada!</i> — Tango-canção	5. ^a »
<i>Noiva!</i> — Valsa	2. ^a »
<i>Namorados</i> — One-step	3. ^a »
<i>Amôr do Coração</i> — Tango-canção	2. ^a »
<i>Gosto de Ti!</i> — Fox-trot	2. ^a »
<i>Saltadinho do Minho</i> — Canção regional	2. ^a »
<i>Louca de Amôr!</i> — Tango-canção	2. ^a »
<i>Santo Antônio de Lisboa</i> — One-step	2. ^a »
<i>Acorda Coração!</i> — Tango-canção	2. ^a »
<i>Galanteios</i> — Fox-trot	
<i>Ai, não dou, não</i> — One-step	
<i>Mulher Fatal</i> — Tango-canção	
<i>É bonito, não é?!...</i> — One-step	2. ^a »
<i>Declaração de Amôr</i> — Valsa	

(Versos)

Água da Rocha...

A seguir :

(Prosa)

A Verdade da Vida ..

O REI DO MUNDO!

Êle nascera, no dizer das Escrituras,
P'ra nos salvar, p'ra resgatar a Humanidade!
Não num palácio, — num curral, em palhas duras,
Dando o exemplo da isenção e da humildade!

Cresceu, ditando a Lei da Fé e da Bondade,
E o Seu Poder provando em milagrosas curas!
E p'ra mostrar o amôr por nós, essa verdade,
Morreu, pregado numa cruz, em mil torturas!...

.....

—Então, porque o mataram?! Sim, porque o fizeram?!
Porque o pregaram nessa cruz?! Porque lhe deram
Esse sofrêr tão tormentoso, tão profundo?!...

—...Porque o mataram, tens razão, oh, vã ideia!
Se nem assim o destronaram da Judeia,
Se mesmo assim é e será o Rei do Mundo?!...

ÁGUA DA ROCHA...

Água da rocha, da fonte,
Dum cristalino espelhar,
Que desces ligeira o monte,
Serpenteando, a correr,
Entre a relva descuidada...
¿Que dizes no teu palrar,
O que vais tu a dizer
Nessa cantiga pegada?...

¿ Porque razão tu devassas
Aquilo que vês e sentes,
Nesse murmúrio baixinho?...
¿ Que dizes, por onde passas,
Às pèdrinhas inocentes
Que encontras no teu caminho?...

¿ Porque vais tu a contar
Às ervas, ao arvorêdo,
A todos os teus visinhos,
O que ouviste segredar?...
¿ Não receias, não tens medo
Que o digam, no seu cantar,
Os ingénuos passarinhos?...

¿ Tu falas dos namorados
Que, à hora quente das séstas,
— A estalar os corações... —
Ao pé de ti, descuidados,
De mãos dadas, fazem festas...
Cheios de amôr, de ilusões?!...

‡ Tu dizes o que êles sentem,
A sua alegria ou mágua,
A sêde ardente, os desejos,
Nas promessas fementidas ...
Que não matam, — êles mentem ...—
Nem com um púcaro de água,
Nem trocando loucos beljos,
Mas, sim, com juras mentidas?!...

‡ Lamentas que o pobresinho,
Que encontras no teu caminho,
Da vida negra, na liça...
A quem a sêde tu matas,
Ande sem roupa, sem ninho
E sem pão para comer,
Emquanto se desperdiça,
Em ricos cristais e pratas,
Tanto pão e tanto vinho...
Num luxuoso viver?!...

¿ Tu murmuras desta vida,
De lágrimas, ais, lamentos,
De máguas, de sofrimentos,
Tôda cheia de mentiras,
De enganos, desilusões...
Que só levam de vencida,
Os de falsos sentimentos,
De intrigas, invejas, iras...
Os perversos corações?!...

.....

Água da rocha, da fonte,
Dum cristalino espelhar,
Que desces ligeira o monte,
Serpenteando, a correr,
Entre a relva descuidada...
¿ Que dizes no teu palrar,
O que vals tu a dizer
Nessa cantiga pegada?...

PORTUGAL

Nasceste em pergaminhos de nobreza,
Num berço, por conquistas, modelado...
Foste, de fortaleza em fortaleza,
Tomando corpo e dando forte brado!...

No teu hercúleo braço, confiado,
Sempre na fé em Deus, e com firmeza,
Ao Mundo, novos Mundos, tu has dado,
Numa epopeia imensa de beleza!...

.....

Mas, porque descansaste a lança em riste,
Alguem julgou-te velho, exausto e triste,
Qual fidalgo arruinado, decadente!...

Mentira! Tu remoças! E' inveja!...
Teu peito forte e quente da peleja,
Jamais se esfriará eternamente!...

A MINHA TERRA

Amo a terra, onde nasci,
— Oh, minha terra natal!—
Porque outra, assim, nunca vi
Neste lindo Portugal!

Amo as ervas, rosas mil
De teus prados verdejantes...
As manhãs lindas de Abril,
De perfume inebriantes!...

Amo os densos arvorêdos,
Duma atracção que me prende...
Onde guardo os meus segrêdos,
Que mais ninguem os entende!

Os passarinhos que, aos pares,
Numa lida pura e santa,
Soltam seus lindos cantares,
Duma harmonia que encanta!

Amo as verêdas sombrias,
De tortuosos valados,
Onde, em finas melodias,
Os melros soltam trinados!

Onde a brava silva cresce,
Emaranhada, agressiva...
E a madresilva floresce,
Num arôma que captiva!

Em que ha amoras tão belas,
Que não sei quais são mais loucas:
Se as bôcas, vendo-as a elas,
Se elas, ao verem as bôcas!...

Amo essas fontes cantantes,
De água pura, cristalina,
Onde vejo horas distantes
No seu palrar de menina!...

Os regatos sinuosos,
Que lá vão a murmurar,
Sempre correndo, anciosos
Por o seu sonho encontrar!...

Amo as montanhas frondosas,
Suaves e alcantiladas;
As nascentes borbulhosas,
As represas, as levadas!...

As nóras que a água tiram,
Para germinar o grão,
E as azenhas que giram,
Moendo, depois, o pão !

E os carros a chlar,
Puxados por mansos bois,
Pachorrentos, a cismar
Na ração que vem depois!...

Amo o ar puro, lavado,
Dos copados pinheirais,
De resina perfumado,
Que nunca acho demais !

Amo as infindas surpêsas
Dos teus largos horisontes:
Belos vergéis e devezas,
Lindas cearas e montes!...

Amo o igrégio campanário,
Peito do teu coração,
Que badala o teu fadário
Desde a alvorada ao serão!...

Amo o tanger da viola,
Em sedutoras toadas,
Que tanto alegre e consola
E atrai as namoradas!...

Amo as belas desfolhadas,
Onde há cantigas a par
E danças e gargalhadas
Á luz branca do luar!...

E as lindas romarias,
Chelas de brilho e de côr
E de alegres melodias
E tantos hinos de amôr!...

Não sei qual mais aprecio,
Se teu álgido luar,
Se essas tardinhas de estio
Que me fazem enlevar!...

Quando o sol, ao longe, morre,
No oceano, naufragando,
E as Trindades na torre,
Vão a morte anunciando!...

Em que tudo é brando e santo
E tão cheio de beleza,
Que ou a reza faz o encanto,
Ou o encanto faz a reza!...

.....

Lêdo em teu selo brinquei,
Quando eu era pequenino...
Novo ainda me ausentei,
Porque assim quiz o destino!...

Oh! Que saüdade, saüdade,
Dêsse tempo de folia,
Dessa bela mocidade
Em que eu todo era alegria!...

Dêsse tempo em que eu brinquei,
Junto a ti, terra natal,
Que outra, assím, nunca encontrei
Neste lindo Portugal!

De ti, ando longe, é certo,
Mas nem assim te esqueci:
De mim te sinto tão perto
Como estando junto a ti!

Sempre tocada dos céus,
Formosa terra, eu te vi;
Se penso em ti, vejo a Deus...
Se penso em Deus, vejo a ti!

Ha três coisas que eu bendigo,
Que a minh'alma em si encerra,
E que andam sempre comigo:
Deus, família e a minha terra!

Terra de lenda e de sonho,
Oh, encanto dos encantos!
Tu és do Minho risonho,
Berço de herois e de santos!

De músicos, de pintores
E de inspirados poetas;
Visionários, sonhadores,
Almas de artistas, de estetas!...

Eu direi que a natureza,
Quando, um dia, te pintou,
Pôs-te as côres, com certeza,
Mais bonitas que encontrou!

Terra de mimo e ternura,
De nobreza e de poesia!
Da nobreza e da bravura
Do Alcaide de Faria!...

Tu és o torrão mais lindo,
O melhor entre os mais belos!
Tu és o tesoiro infindo
Da minha alma: — BARCELOS!

Tu és o sol infinito
Que alumia o meu viver!
Tu és o astro bendito,
Onde gravita o meu ser!...

Por isso, eu quero-te tanto
Como quero á luz do dia!
Sem ti, invade-me o pranto,
Sem ti, não sei da alegria!...

Por isso, eu peço por ti
Com todo o ardor da afeição!
Por isso, eu guardo-te aqui,
Dentro do meu coração!

Que te bafeje o Destino,
Que te proteja o Senhor,
Lindo berço, pequenino,
Mas tão grande no amor!...

UM BEIJO SÓ...

Pedes-me um beijo, e eu não to posso dar...
Não vês que um beijo é mal que se adivinha?...
Bem sabes que êle mancha, vai, caminha...
E vem um dia... deixas-me a chorar!...

Não é, querido bem, por não te amar,
— O amor, depressa, assim é que definha... —
Que o meu desejo, que a vontade minha,
Era apertar-te a mim, de te beijar!

Pedes-me um beijo só — que um beijo é nada —
Nos meus olhos, que dizes tu de fada,
De ternura e meiguice, de veludo!...

Sim, tens razão, um beijo é nada, é pouco,
Mas lá desperta em nós, desejo louco,
E êsse desejo... é que depois é tudo!...

APAIXONADA !

(Publicados com música
do mesmo autor)

Ando louca, apaixonada,
Muito triste, desolada,
Desde o dia em que te vi!
Pois, sinto, dentro do peito,
Uma voz branda, com geito,
A chamar sempre por ti!...

E tu passas indif'rente
A esta grande paixão!
Oh! É de pedra, não sente,
O teu duro coração!...

Se tu és meu ideal,
O meu sonho sem ter fim,
¿Porque me fazes tão mal,
Porque não olhas p'ra mim?!...

*

Nos dias que eu te não vejo,
Anda em mim louco desejo
De fitar os olhos teus!
Mas, ao ver-te, logo aumenta
Esta dor que me atormenta,
Pois, nem me dizes adeus!...

E tu passas indif'rente
A esta grande paixão!
Oh! É de pedra, não sente,
O teu duro coração!...

Se tu és meu ideal,
O meu sonho sem ter fim,
¿Porque me fazes tão mal,
Porque não olhas p'ra mim?!...

EU E TU

Ver-te, foi despontar um lindo dia,
Na noite da minh'alma, tão escura!...
Conseguiste acender louca alegria,
No meu peito molhado da amargura!...

Começou minha vida de doçura...
E, então, meu coração, contente, ria
Às gargalhadas, cheio de ventura,
Como nunca, até 'li, assim o via!...

Porém, um dia, o teu amor, já brando,
Lá se foi na indif'rença mergulhando,
Como o sol que se esvai... Na mesma regra!...

Meu Deus! Mais valeria não ter feito
Dia assim, radiante, no meu peito,
Se a noite havia de voltar mais negra!...

DIA DE NATAL

Uiva o vento nas quebradas,
Levando enormes chuvadas
A fustigar a vidraça!...
¿Quem traz a chuva e o vento
E torna o Céu pardacento?!...
— Quem passa?...

Em zig-zag e da côr de aço,
Riscam faíscas o espaço,
Que nos avivam a fé...

¿ Quem traz a chuva, o tufão
E o ribombar do trovão?!...

— Quem é?...

Cai a neve aos farrapinhos,
Enfarinhando os caminhos,
Campos e serras, àlém!...

¿ Quem faz chover e ventar,
Cair neve e trovoar?!...

— Quem vem?...

.....

É o inverno! O inverno só,
Que não tem pêna, nem dó
Dos pobres dos passarinhos!
A neve esfria, arrefece...
A chuva molha, apodrece,
E o vento desfaz os ninhos!...

Oh! Que inverno! Que rudeza!...
Por tôda a parte há tristeza,
Desolação, dor e luto!...
Anda ao tempo o pobrezinho,
Sem pão, sem roupa, sem ninho...
Sem levar um fio enxuto!...

Oh! Que inverno rigoroso,
Num dia tão amoroso
Como o dia de Natal!...
¿Porque será que o Destino,
Festejando o Deus-Menino,
Traz tão grande temporal?!...

¿Porque é que há chuva e há vento
E o Céu é tão pardacento
No dia da Consoada?!...
E nuns, há tudo, há alegria!
Noutros, a alma é tão fria...
Sem pão, sem roupa, sem nada?!...

SEM TI

Sem ti, é navegar num mar, sem rumo,
Ao sabor dos caprichos da procela...
Onde eu, a pouco e pouco, me consumo,
Na esperança vã da minha estrela!...

É diluir a vida em negra tela...
Como se esbate em espirais, o fumo...
É recordar de outrora a vida bela,
Que, hoje, em cinzas mortas, eu resumo!...

Sem ti, é ter a vida de amargura!
É viver numa noite sempre escura,
Ancioso por que rompa a madrugada!

Sem ti, é não se ter o que se tem...
Ver tanta gente e nunca ver ninguém...
E' ter na vida tudo, e não ter nada!...

AMOR DO CORAÇÃO!

(Publicados com música
do mesmo autor).

Oh, meu amor, se tu soubesses quanto te amo,
Quanto, em meu peito, a tua ausência faz sofrer;
Se tu soubesses quantas vezes por ti chamo,
Só nesta ância infinita de te ver;

Se tu soubesses, lindo bem, quanto te quero,
Quanto o meu pobre coração por ti lateja;
Oh! Não fugias dêste amor que é tão sincero,
Que só a ti te quere, só a ti deseja!...

Tu és a minha alegria,
O meu amor de entre tantos...
És a minha luz do dia,
O encanto dos encantos!

És minha sombra querida,
Minha tão doce visão...
— Oh, amor da minha vida,
Meu amor do coração!

*

De manhã cedo, quando rompe a luz da aurora,
Que os passarinhos anunciam num gorgoejo,
Eu penso em ti e minha alma por ti chora,
Pois não te vê, o que é o seu maior anseio!

E todo o dia e tôda a noite se quebranta,
Por só te ver numa visão que não contenta...
E tu não vens e eu sinto em mim saüdade tanta,
Que, cada vez, me torna a vida mais cruenta!...

Tu és a minha alegria,
O meu amor de entre tantos...
És a minha luz do dia,
O encanto dos encantos !

És minha sombra querida,
Minha tão doce visão...
— Oh, amor da minha vida,
Meu amor do coração !

ANO NOVO!

Ano Novo! Nos peitos, anciedade...
Nas almas, viva fé, nova esperança...
Os anos vão passando e não se alcança
Mais que essa triste, tão cruel verdade!...

Ano Novo! ¿Porque é que a gente ha-de
Viver só de ilusões, como a creança,
Se a vida é um mar que nunca tem bonança,
Se a vida é luta, é dor, na realidade?!...

Tantos hinos, hossanas, nesse povo,
Festejando, aclamando o Ano Novo,
Na esp'rança dum ar da sua graça!...

Ano Novo!... Mas novo em que promessa?...
O ano é sempre o mesmo... recomeça,
A gente... essa é que muda, vai... e passa!...

QUADRAS SOLTAS

Contigo é tudo alegria,
Sem ti é tudo amargura...
Contigo é ter sempre o dia,
Mesmo sendo noite escura!...

Dizes que és caritativa,
Mas, afinal, nada vejo...
Há quanto tempo, meu bem,
Te peço a esmola dum beijo?!...

Se queres meu coração,
Has-de ter muita canseira...
A farinha p'ra ser pão,
Dá mil voltas na masseira!

Saltando a fogueira a êsmo,
Andamos uma noitada...
Tu, amor, estás o mesmo,
Eu é que fiquei queimada!...

Pedi-te um beijo, disseste
Que nem metade, sequer...
Pedi-te um quarto, e tu deste
Um beijo inteiro, mulher!...

Amor é rôlo de fumo,
Que se dissipa no ar,
Dum braseiro de desejos,
Todo rubro, a crepitar!...

DESTINO

Dezembro agreste. A luz do sol poente,
A pouco e pouco, vem mais esbatida...
Resoam as Trindades na Ermida,
Que chegam até nós num som plangente!

A ceia desta noite é of'recida
Ao Deus-Menino, Rei de toda a gente...
Mas que contraste! Nuns, é bem servida,
E noutros... nem sequer suficiente!...

¿Porque haverá tão desigual destino,
Se a todos guia o mesmo Olhar Divino
E aquece o mesmo Coração Sagrado?!

¿Porque razão, Senhor, por que direito,
Nuns é tão cheio de conforto o peito,
E noutros é tão frio, tão gelado?!...

DECLARAÇÃO DE AMOR

(Publicados com música
do mesmo autor).

A ti, senhora suprema
De tudo o que eu sou senhor,
Dedico êste poema
Que é declaração de amor :

Vi um sol que era mais lindo
Do que o sol de todo o mundo!
Foi o teu olhar infindo
De encantos, de amor profundo!...

Que estranho deslumbramento
Eu tive, então, nesse dia!
Oh! Que louco encantamento,
Que prazer e que alegria!...

Ao ver-te, senti logo
Enorme sedução!
Como o acender dum fogo,
Dentro em meu coração!...

Fez-se, quando te vi,
Em mim, novo querer!
Como um chamar por ti,
Constante no meu ser!...

*

Tu és para mim, senhora,
Mais que uma aurora, que um hino!
A luz bela, encantadora,
Que alumia o meu destino!...

Quero-te e não sei querer-te,
Minha ambição, ideal!
Sofro, se não posso ver-te,
Se te vejo, faz-me mal!...

Ao ver-te, senti logo
Enorme sedução!
Como o acender dum fogo,
Dentro em meu coração!...

Fez-se, quando te vi,
Em mim, novo querer!
Como um chamar por ti,
Constante no meu ser!...

O TEU SILÊNCIO . . .

Bem. Vou-me embora. Adeus! Já não me queres...
E eu que te quero tanto, tanto, vê!
Has-de querer-me! E, quando me quizeres,
Serei cruel, duro, indif'rente, crê!...

Sinto, em mim, de revolta um não sei quê,
Pois que sem dor meu coração me feres!
São assim caprichosas as mulheres:
Amam, às vezes, sem saber porquê!...

E tu calaste. A mão, não me estendeste,
E, ao dizer-te adeus, nada disseste,
Num gesto inesperado, quieto e mudo!...

Oh, meu amor! Assim tão perturbada,
Nesse mutismo, sem dizeres nada,
Tu afinal disseste tudo, tudo!...

O MAR

Criara Deus o Universo, o Mundo :
O Firmamento, a Terra, o Mar profundo!...

Tôja a beleza que, hoje, nos deslumbra :
A Lua, o Sol, estrelas e a penumbra!...

As manifestações de vida e côm :
O dia, a noite, a aurora e o sol-pôr!...

Tudo o que nos encanta e inebria:
O aroma, o amor, a música, a poesia!...

Tudo o que acalma ou punge o coração:
A alegria, o pesar... desilusão!...

Tudo o que anima e cala o sofrimento:
A fé, a esperança e o alento!...

Tudo quanto ilumina a inocência:
Espírito, razão, inteligência!...

Tudo quanto consola a desventura:
Amisade, carinho, amor, brandura!...

.....

Ao Sol, deu a luz de oiro, tão Divina,
Que á Terra beija e quere, que a ilumina!

Luz que a tudo dá vida e côm e aquece...
Tudo transforma, tudo reverdece:

Os vales, as colinas, a planura...

Tornando tão excelsa essa natura,

Onde nasce a criança e cresce a flor,

Rebenta a fonte e vive puro o amor!...

.....

Ao Firmamento, à Abóbada Celeste,

Deu-lhe um manto estrelado, azul, que veste,

Em noites cintilantes, de beleza,

A Lua, essa beldade, essa Princeza,

Castíssima donzela, que, ao arr'bol,

Se levanta, ao deitar-se, junto, o Sol!...

E, envolta nesse manto, vem p'ra a rua...

Fugindo ao Sol, a encantadora Lua!...

.....

À Terra, dera o Mar por companheiro,

Bravo, forte, indomavel e guerreiro!...

Com o seu dorso azul que estende e dobra,
Quais movimentos vertebrais da cobra!...

Junto dela o furor recua e abate,
Beija-a, acarinha-a, mas também lhe bate,

Às vezes, encrespado, em alto cume,
Mordido pela inveja e o ciume,

Querendo avassalar prados e montes!...
E a Terra chora, então, nas suas fontes,

Lágrimas cristalinas, num gemido...
Que êle absorve, ao beija-la, condoído!...

.....

Um dia, ao ver que não perdera a fé,
Ante o Dilúvio, Deus disse a Noé:

«Faz, depressa, uma arca e, dentro dela,
Afrontarás a chuva e a procela!

Assim, salvar-te-has no Mar revolto,
Enquanto tudo de água está envolto!>

E o Mar, tão furioso, como um louco,
A tudo submergia, pouco a pouco!...

Mas nessa arca tósca e lão franzina,
Não tocava, atendendo à Voz Divina!...

.....

Mais tarde, lá no Mar da Galileia,
Dos Discíp'los, a barca se rodeia

E cobre de ondas bravas... E Jesus,
Que dormia, sonhando já na Cruz...

Logo acordado, o braço levantou,
E ás águas pôs preceito e abençoou!

E o Mar, tão agressivo até ali,
Todo é bonança, ao gesto do Rabi!...

.....

Passaram-se, depois, imensos anos...
E, um dia, os destemidos Lusitanos,

Que tinham dilatado o Território
Até Sagres, extremo promontório,

Por um sonho feliz dum grande Infante,
Pensaram ir mais longe, sempre avante...

E, lá partiram, desafiando o p'rigo,
Tendo o Gigante, o Mar, por Inimigo,

As Lusas Caravelas arrojadas,
Por entre as ondas bravas, revoltadas!...

As frageis Naus de ousados Navegantes,
Que foram onde não se fôra antes!

As de Gonçalves Zarco e de Tristão,
De Gil Eanes e Diogo Cão!

De Bartolomeu Dias e do Gama,
Que o domam quando êle ruge e brama!...

As Caravelas de Álvaro Cabral
E muitas outras Naus de Portugal!...

E o Mar, embora em raiva, com procelas,
Respeita as Lusitanas Caravelas,

Que levavam gravada a Cruz de Cristo,
De Jesus, que êle, outrora, tinha visto!...

Por Ela dominado, várias vezes,
A Glória imensa é dada aos Portugueses,

De ultrapassar as águas turbulentas
Dos cabos Bojador e das Tormentas!...

E de ir desencantar tesoiros mil,
Lá, ás longínquas Índias e ao Brazil!...

De terras conquistar por tôda a parte,
Ap'zar da fúria de Nepturno e Marte!...

A este Povo forte, audaz, guerreiro,
Que fez do Velho Mundo, um Mundo inteiro!...

.....

A pouco e pouco, assim, se subordina,
O Mar, à Gente Lusa que o domina!...

Assim, seus loucos ímpetos domados,
Vai conduzindo barcos mais pesados!...

E, hoje, embora em gestos arrogantes...
Conduz, até, cidades flutuantes!...

A MULHER

A mulher é veneno que envenena,
A pouco e pouco, tôda a nossa alma!...
Nos lábios um sorriso, olhar em calma,
E á mágua nosso peito nos condena!...

Espinho bem oculto que nos pena,
Quando ao tocar, da nossa mão, a palma,
Nessa mimosa flor que atrai, que acalma,
Num poder que a colhe-la nos ordena!...

A mulher é um fogo que nos queima
O coração, que, no entanto, teima
Chegar-se a ele... p'ra aquecer, decerto!

Veneno, mágua, espinho, fogo e mais...
Meu Deus!... Mas despresa-la, não, jámais...
Porque é também um sol, um céu aberto!...

MULHER FATAL

(Publicados com música
do mesmo autor)

Vi-te, um dia, e, nunca mais,
Pude esquecer-te, jàmais,
És a mulher que eu mais amo !
Por tôda a parte, onde eu viva,
Serás, sempre, a minha Diva,
Que, a todo o momento, chamo!...

Meu coração é indif'rente
Ao olhar de tôda a gente
Que encontro no meu caminho...
Pois, nenhum tem essa luz
Dos teus olhos, que seduz
E embriaga de carinho!...

Mulher fatal, que eu encontrei na vida,
Como trazes ferida
Minh'alma de sofrer!
¿ Porque, mulher, a martirisas tanto,
Porque de infindo pranto,
Amargas seu viver?!...

¿ Porque te vi, mulher, naquele dia,
Se eu todo era alegria,
Como não via igual?!...
E, agora, sou tão triste que nem sei...
¿ Porque é que eu te encontrei,
Minha mulher fatal?!...

*

Ando, pela vida fóra,
A penar, a tôda a hora,
Sem, ao menos, um carinho!
Sou como a folha caída,
Pelo vento revolvida...
Como a ave sem ter ninho!...

E tu tens, na tua mão,
O meu pobre coração,
Que esmagas sem dó, nem dor!...
Como é triste amar alguém
Que nos paga com desdem,
O nosso sincero amor!...

Mulher fatal, que eu encontrei na vida,
Como trazes ferida
Minh'alma, de sofrer!
¿Porque, mulher, a martirisas tanto,
Porque de infindo pranto,
Amargas seu viver?!...

¿Porque te vi, mulher, naquele dia,

Se eu tôdo era alegria,

Como não via igual?!...

E, agora, sou tão triste que nem sei...

¿Porque é que eu te encontrei,

Minha mulher fatal?!...

SÔSINHO . . .

Sinto no meu viver que falta alguém...
Ao caminhar, em eco, uns passos sós!
Sinto a ausência, ao meu lado, de outra voz...
A falta de outra sombra que não vem!...

Como o rio, que vai da fonte mãe,
Tão triste, murmurando, para a foz,
Assim vou nesta vida, tão veloz,
Curtindo as minhas máguas, sem ninguém!...

Sinto no peito, infinda, intensa dor,
Uma ância enormíssima de amor
Por alguém que não vem e tanto chamo!...

Os dias passo á espera dêsse alguém...
Que nem eu sei quem seja... Não sei quem
Será essa mulher... e tanto a amo!...

biblioteca
municipal
barcelos



27101

Água da rocha